

CHINA MIÉVILLE

A CIDADE & A CIDADE

tradução
FÁBIO FERNANDES

BOITÉMPO
EDITORIAL

Copyright desta edição © Boitempo Editorial, 2014
Copyright © China Miéville, 2009

Direção editorial
Ivana Jinkings

Edição
Bibiana Leme

Coordenação de produção
Livia Campos

Assistência editorial
Thaís Burani

Tradução
Fábio Fernandes

Preparação
Mariana Echalar

Diagramação
Otávio Coelho

Capa
Ronaldo Alves
sobre ilustração de Fábio Cobiaco

Equipe da Boitempo Editorial: Ana Yumi Kajiki, Artur Renzo, Elaine Ramos, Fernanda Fantinel, Francisco dos Santos, Isabella Marcatti, Kim Doria, Marlene Baptista, Maurício dos Santos, Nanda Coelho e Renato Soares

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA FONTE
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

M577t

Miéville, China, 1972-
A cidade e a cidade / China Miéville ; tradução Fábio Fernandes. - 1. ed. - São Paulo : Boitempo, 2014.

Tradução de: The city and the city
ISBN 978-85-7559-413-1

1. Ficção inglesa. I. Fernandes, Fábio. II. Título.
14-17490

CDD: 823
CDU: 821.111-3

É vedada a reprodução de qualquer parte
deste livro sem a expressa autorização da editora.

Este livro atende às normas do acordo ortográfico em vigor desde janeiro de 2009.

1ª edição: novembro de 2014

BOITEMPO EDITORIAL
Jinkings Editores Associados Ltda.
Rua Pereira Leite, 373
05442-000 São Paulo SP
Tel./fax: (11) 3875-7250 / 3872-6869
editor@boitempoeditorial.com.br | www.boitempoeditorial.com.br
www.blogdaboitempo.com.br | www.facebook.com/boitempo
www.twitter.com/editoraboitempo | www.youtube.com/imprensaboitempo

*Em saudososa memória de minha mãe,
Claudia Lightfoot*

AGRADECIMENTOS

Por toda a sua ajuda neste livro, sou extremamente grato a Stefanie Bierwerth, Mark Bould, Christine Cabello, Mic Cheetham, Julie Crisp, Simon Kavanagh, Penny Haynes, Chloe Healy, Deanna Hoak, Peter Lavery, Farah Mendlesohn, Jemima Miéville, David Moench, Sue Moe, Sandy Rankin, Maria Rejt, Rebecca Saunders, Max Schaefer, Jane Soodalter, Jesse Soodalter, Dave Stevenson, Paul Taunton e meus editores Chris Schluep e Jeremy Trevathan. Meu sincero agradecimento a todos das editoras Del Rey e Macmillan. Obrigado a John Curran Davis por suas maravilhosas traduções de Bruno Schulz.

Entre os incontáveis escritores com os quais estou em dívida, aqueles por quem tenho mais consciência e gratidão com relação a este livro são Raymond Chandler, Franz Kafka, Alfred Kubin, Jan Morris e Bruno Schulz.

Abrem-se, no fundo da cidade, por assim dizer,
ruas duplas, ruas sócias, ruas mentirosas e enganadoras.

Bruno Schulz, “Lojas de canela”

* Em *Ficção completa* (trad. Henry Siewierski, São Paulo, Cosac Naify, 2013), p. 127-8. (N. E.)

PARTE 1

BESZÉL

CAPÍTULO 1

Não consegui ver a rua nem a maior parte do conjunto habitacional. Estávamos cercados por blocos cor-de-terra, de cujas janelas se debruçavam homens vestidos e mulheres com cabelos ainda em desalinho e canecas de bebida, tomando o café da manhã e nos observando. Aquele terreno aberto entre os edifícios havia sido esculpido um dia. Ele tinha o caimento de um campo de golfe: uma mímica infantil de geografia. Talvez estivessem prestes a transformar tudo em lenha e colocar um lago no lugar. Havia um bosque, mas as árvores novas estavam mortas.

A grama estava coberta de ervas daninhas, costurada por trilhas feitas a pé entre montes de lixo, entrincheirada por marcas de pneus. Havia policiais executando diversas tarefas. Eu não era o primeiro detetive ali – vi Bardo Naustin e mais uns dois –, mas era o mais antigo. Segui o sargento até onde a maioria dos meus colegas estava aglomerada, entre uma pequena torre abandonada e uma pista de skate cercada por grandes lixeiras em formato de tambor. Logo depois dela, podíamos ouvir o cais do porto. Um bando de moleques estava sentado em cima de um muro diante de oficiais em pé. As gaivotas voavam em espirais sobre esse grupo.

– Inspetor – acenei com a cabeça para quem quer que houvesse falado. Alguém ofereceu um café, mas fiz que não com a cabeça e olhei para a mulher que tinha vindo ver.

Ela estava caída perto das rampas de skate. Nada é tão imóvel quanto os mortos. O vento mexe o cabelo deles, como estava mexendo o dela, e eles não esboçam nenhuma reação. Estava numa pose feia, com as pernas tortas, como se estivesse prestes a se levantar, os braços dobrados de modo estranho. A cara virada para o chão.

Uma mulher nova, de cabelos castanhos puxados em tranças despontando como plantas. Ela estava quase nua, e era triste ver sua pele lisa naquela manhã fria, não perturbada por nenhum arrepio. Usava apenas meias rasgadas, um pé calçava

sapato de salto alto. Ao me ver procurando à volta, uma sargento acenou para mim de um ponto mais ao longe, de onde ela estava guardando o sapato caído.

Fazia duas horas que o corpo havia sido descoberto. Eu o olhei de alto a baixo. Prendi a respiração e me abaixei até perto da terra, para olhar melhor o rosto, mas só consegui ver um olho aberto.

– Onde está Shukman?

– Ainda não chegou, inspetor...

– Alguém ligue pra ele, diga pra andar depressa – fechei a tampa do meu relógio. Eu estava encarregado do que chamávamos de *mise-en-crime*. Ninguém mexeria nela até que Shukman, o patologista, chegasse, mas havia outras coisas a serem feitas. Verifiquei linhas de visada. Estávamos fora do caminho e as lixeiras nos obscureciam, mas eu podia sentir a atenção em nós como insetos, de todo o conjunto ao redor. Ficamos andando sem rumo por ali.

Havia um colchão molhado em pé entre duas lixeiras, ao lado de uma extensão de peças de ferro oxidadas, entremeadas por correntes descartadas.

– Isso estava em cima dela – a investigadora assistente que falou era Lizbyet Corwi, uma moça inteligente com quem eu já havia trabalhado umas duas vezes. – Não dá pra dizer exatamente que estivesse bem escondida, mas meio que fazia ela parecer uma pilha de lixo, eu acho. – Pude ver um retângulo irregular de terra mais escura cercado a morta, o resto do orvalho acumulado pelo colchão. Naustin estava agachado ao lado dela, olhando a terra.

– Os garotos que a encontraram viraram o colchão pela metade – disse Corwi.

– Como foi que acharam ela?

Corwi apontou para a terra, pequenas marcas de patas de animais.

– Impediram ela de ser mutilada. Correram como o diabo quando viram o que era e ligaram. Nosso pessoal, quando chegou... – Ela olhou de relance para dois patrulheiros que eu não conhecia.

– Eles moveram o colchão?

Ela fez que sim.

– Pra ver se ela ainda estava viva, disseram.

– Quais são os nomes deles?

– Shushkil e Briamiv.

– E aqueles ali são os descobridores? – Acenei com a cabeça para os garotos guardados. Eram duas meninas, dois meninos. Dezesseis, dezessete anos, com frio, olhando para baixo.

– É. Mastigadores.

– Começando de manhã tão cedo?

– Isso é que é dedicação, hein? – Ela disse. – Talvez estejam concorrendo ao cargo de junkies do mês ou alguma merda dessas. Chegaram aqui um pouco antes das sete. A rampa de skate é organizada desse modo, aparentemente. Ela só foi construída faz

uns dois anos, no começo não era nada, mas a turma da região definiu os turnos. Da meia-noite às nove, só mastigadores; das nove às onze, a gangue local planeja o dia; das onze à meia-noite, skates e patins.

– Eles estão portando?

– Um dos garotos tem uma bicuda, mas é bem pequena. Não dá nem pra roubar doce de criança com aquilo... é um brinquedo. E um mastigável cada um. Só – ela deu de ombros. – A droga não estava com eles; achamos no muro, mas – deu de ombros – eles eram os únicos por perto.

Fez um gesto para um dos nossos colegas e abriu a sacola que carregava. Saquinhos de erva besuntada com resina. O nome de rua é *feld* – um cruzamento barra-pesada de *Catha edulis* batizada com tabaco e cafeína e coisas mais fortes, e fios de fibra de vidro ou algo semelhante para provocar abrasão nas gengivas e fazer a coisa entrar no sangue. O nome é um trocadilho trilingue: onde é cultivada, é chamada de *khat*, e o animal chamado *cat* em inglês em nosso próprio idioma é *feld*. Cheirei e era coisa de muito baixo nível. Fui até onde os quatro adolescentes tremiam nas jaquetas estufadas.

– ‘*Sup, policeman?*’ – Disse um garoto numa aproximação de inglês de hip-hop com sotaque *besz*. Ele levantou a cabeça e me encarou olho no olho, mas estava pálido. Nem ele nem nenhum dos seus companheiros pareciam bem. De onde estavam sentados, não conseguiam ver a morta, mas nem sequer olharam na direção dela.

Deviam saber que tínhamos achado o *feld*, e que sabíamos que era deles. Podiam não ter dito nada, apenas fugido.

– Sou o inspetor Borlú – eu disse. – Esquadrão de Crimes Hediondos.

Não digo: “Sou Tyador”. Uma época difícil de questionar, esta – velha demais para primeiros nomes, eufemismos e brinquedos e, entretanto, não velha o bastante para sermos oponentes diretos em entrevistas, quando pelo menos as regras eram claras. – Qual é o seu nome? – O garoto hesitou, pensou em usar fosse lá qual fosse o apelido que tinha dado a si mesmo, mas acabou não usando.

– Vilyem Barichi.

– Foi você que achou ela? – Ele fez que sim, e seus amigos fizeram que sim logo em seguida. – Me conte.

– A gente vem aqui porque, por causa que... – Vilyem esperou, mas eu não falei nada a respeito das drogas. Ele olhou para os pés. – E a gente viu uma coisa embaixo daquele colchão e puxou.

– Tinha uns... – Os amigos dele olharam para cima quando Vilyem hesitou, obviamente supersticiosos.

– Lobos? – Perguntei. Olharam uns para os outros.

– É, cara, uma matilha nojenta tava enfiando o focinho por aqui e...

– Aí a gente pensou que...

– Quanto tempo depois que vocês chegaram aqui? – Perguntei.

Vilyem deu de ombros.
– Sei lá. Duas horas?
– Mais alguém por perto?
– Vi uns caras mais pra lá um pouco antes.
– Traficantes? – Deu de ombros.
– E teve uma van que entrou na grama e subiu até aqui e saiu depois de um tempo. A gente não falou com ninguém.
– A van foi quando?
– Não sei.
– Ainda estava escuro – essa foi uma das garotas.
– Ok. Vilyem e vocês, caras, nós vamos pegar uma coisa pro café de vocês, uma coisa pra beber, se quiserem – fiz um gesto para os guardas. – Já falamos com os pais? – Perguntei.
– Estão a caminho, chefe, menos o dela – apontando para uma das garotas. – Não conseguimos encontrar.
– Então continue tentando. Leve eles pro Centro agora.
Os quatro adolescentes olharam uns para os outros.
– Isso é babaquice, cara – disse o garoto que não era Vilyem, sem ter certeza. Ele sabia que, de acordo com alguns políticos, deveria se opor às minhas instruções, mas queria ir com meu subordinado. Chá preto, pão e papelada, o tédio e as luzes da delegacia, tudo tão diferente de puxar aquele colchão pesado e desajeitado, no quintal, no escuro.

*

Stepen Shukman e seu assistente, Hamd Hamzinic, haviam chegado. Olhei para o relógio. Shukman me ignorou. Quando ele se curvou para o corpo, soltou um sibilar de asmático. Confirmou a morte. Fez observações que Hamzinic anotou.

– Hora? – Perguntei.
– Mais ou menos doze horas – disse Shukman. Fez pressão sobre um dos braços da mulher. Ela balançou. Em *rigor mortis*, e instável no terreno como estava, provavelmente assumiu a posição da morte deitada em outros contornos. – Não foi morta aqui – eu já tinha ouvido dizer muitas vezes que ele era bom no seu ofício, mas nunca tinha visto nenhuma evidência de que ele fosse nada além de competente.
– Pronto? – Ele perguntou a uma das técnicas da cena. Ela tirou mais duas fotos de ângulos diferentes e fez que sim com um aceno de cabeça. Shukman rolou a mulher com a ajuda de Hamzinic. Ela parecia lutar com ele em sua imobilidade restrita. Virada, ela era absurda, como alguém brincando com um inseto morto, os braços e as pernas tortos, balançando sobre a espinha.

Ela olhava para nós por baixo de uma franja que esvoaçava com o vento. O rosto estava travado numa tensão assustada: ela estava infinitamente surpresa consigo mesma. Era jovem. Estava com uma maquiagem pesada, e essa maquiagem estava borrada num rosto bastante machucado. Era impossível dizer sua aparência, que rosto aqueles que a conheciam veriam se ouvissem seu nome. Poderíamos saber melhor depois, quando ela relaxasse na morte. O sangue marcava sua fronte, escura como terra. Flash flash de câmeras.

– Ora, olá, causa da morte – disse Shukman para as feridas no peito dela.

Na bochecha esquerda, fazendo uma curva debaixo do queixo, uma fenda vermelha comprida. Ela havia sido cortada por metade da extensão do rosto.

O ferimento era liso por vários centímetros, percorrendo a pele com precisão, como um pincel. Onde passava embaixo do queixo, sob a protuberância da boca, ele se partia de modo feio e terminava ou começava com um buraco fundo aberto no tecido mole atrás do osso. Ela olhava para mim sem me ver.

– Tire umas sem flash também – falei.

Como vários outros, eu desviava o olhar enquanto Shukman murmurava – achava licencioso ficar observando. Investigadores técnicos uniformizados de *mise-en-crime* (mectecs, no nosso jargão) vasculhavam um círculo que ia se expandindo. Eles reviraram o lixo e procuraram entre as valetas por onde os veículos haviam passado. Colocaram marcas de referência e tiraram fotografias.

– Então está certo – Shukman se levantou. – Vamos tirá-la daqui – uns dois homens a levantaram e a colocaram numa maca.

– Jesus Cristo – eu falei – cubram ela. – Alguém achou um cobertor não sei onde, e eles retomaram o caminho até o veículo de Shukman.

– Vou cuidar disso esta tarde – ele disse. – Vejo você? – Balancei a cabeça sem me comprometer. Caminhei na direção de Corwi.

– Naustin – chamei, quando me posicionava de forma que Corwi estivesse no limite de nossa conversa. Ela levantou a cabeça e se aproximou ligeiramente.

– Inspetor – disse Naustin.

– Recapitule.

Ele deu um gole no café e olhou para mim nervoso.

– Prostituta? – Ele disse. – Primeiras impressões, inspetor. Nesta área, espancada, nua? E... – Ele apontou para o próprio rosto, a maquiagem exagerada dela. – Prostituta.

– Briga com cliente?

– Sim, mas... Se fossem só os ferimentos do corpo, sabe, aí você olha... Ela talvez não vai fazer o que ele quer, sei lá. Ele ataca. Mas isto – ele tocou o rosto mais uma vez, incomodado. – Isto é diferente.

– Um psico?

Ele deu de ombros.

– Talvez. Ele corta, mata, joga ela fora. É um desgraçado arrogante também, está cagando e andando se a gente vai encontrar ela.

– Arrogante ou imbecil.

– Ou arrogante e imbecil.

– Então é um sádico arrogante e imbecil – eu disse. Ele levantou os olhos: talvez.

– Tudo bem – eu disse. – Pode ser. Faça a ronda das garotas da região. Pergunte a um policial de uniforme que conheça a área. Pergunte se tiveram problemas com alguém recentemente. Vamos colocar uma foto pra circular, ponha o nome de Fulana Detail – usei o nome genérico para mulher desconhecida. – Primeiro eu quero que você interrogue Barichi e seus colegas ali. Seja camarada, Bardo, eles não tinham a obrigação de reportar isso. Estou falando sério. E leve Yaszek com você – Ramira Yaszek era uma excelente interrogadora. – Me liga à tarde? – Quando ele saiu do alcance, eu disse a Corwi: – Alguns anos atrás a gente não teria nem metade desse pessoal investigando o assassinato de uma profissional.

– Progredimos muito – ela disse. Não era muito mais velha do que a morta.

– Duvido que Naustin esteja gostando de trabalhar num caso de prostituta, mas você vai notar que ele não está reclamando – eu disse.

– Progredimos muito – ela disse.

– E daí? – Ergui uma sobrancelha. Olhei de relance na direção de Naustin. Aguardei. Lembrei-me do trabalho de Corwi no desaparecimento de Shulban, um caso consideravelmente mais bizantino do que havia parecido no início.

– Só que eu acho, sabe, que devíamos ter outras possibilidades em mente – ela disse.

– Me diga.

– A maquiagem – ela disse. – É tudo, sabe, tom de terra e marrom. Foi aplicada em excesso, mas não é... – Ela fez um beicinho de *vamp*. – E você reparou no cabelo? – Eu tinha reparado. – Não é tingido. Suba de carro comigo pela GunterStrász, dê a volta pela arena, em qualquer um dos pontos das garotas. Dois terços são loiras, se me lembro bem. E o resto tem cabelo preto ou bem vermelho ou uma merda dessas. E... – Ela passou os dedos no ar como se ele fosse feito de cabelo. – Está sujo, mas é bem melhor do que o meu – ela passou a mão pelas próprias pontas quebradas.

Para muitas das prostitutas de rua de Beszel, especialmente em áreas como aquela, comida e roupa para os filhos vinham em primeiro lugar; *feld* ou crack para elas; comida para elas; depois outros produtos; o condicionador aparecia no final da lista. Olhei de relance para o resto dos oficiais, para Naustin se preparando para ir embora.

– Ok – eu disse. – Você conhece esta área?

– Bem – ela disse –, ela é meio fora de mão, sabe? Isto aqui praticamente nem chega a ser Beszel. Minha área é Lestov. Eles convocaram alguns de nós quando

receberam o chamado. Mas eu passei um tempo aqui há uns dois anos. Conheço o lugar um pouquinho.

Lestov propriamente dito já era quase um subúrbio, mais ou menos seis k de distância do centro da cidade, e nós estávamos ao sul, sobre a Ponte Yovic, num trecho de terra entre o estreito de Bulkya e, ali perto, a boca onde o rio se juntava ao mar. Tecnicamente uma ilha, mas tão próxima e ligada ao continente por ruínas de indústrias que você nunca pensaria nela como tal, Kordvenna eram propriedades, armazéns, bodegas baratas, tudo interligado por rabiscos infinitos de grafite. Ficava suficientemente longe do coração de Beszel para ser fácil de esquecer, ao contrário da maioria dos cortiços que ficava no centro da cidade.

– Quanto tempo você ficou aqui? – Perguntei.

– Seis meses, o padrão. O que era de esperar: roubo de rua, garotos doidões batendo uns nos outros, drogas, prostituição.

– Homicídio?

– Dois ou três na minha época. Ligados a drogas. Mas a maioria para um pouco antes disso: as gangues são muito espertas pra castigar umas às outras sem trazer o ECH.

– Então alguém fez merda.

– Foi. Ou então não dá a mínima.

– Ok – eu disse. – Quero você nisso. O que está fazendo no momento?

– Nada que não possa esperar.

– Quero que você seja realocada por um tempo. Ainda tem contatos aqui? – Ela franziu os lábios. – Rastree se puder, dê uma palavrinha com algumas das pessoas da região, veja quem abre o bico. Quero você em campo. Escute, dê a volta no conjunto... Como é mesmo o nome deste lugar?

– Aldeia Pocost – ela riu sem achar graça; ergui uma sobrelanceira.

– Só podia ser mesmo uma aldeia – eu disse. – Veja o que consegue.

– Meu commissar não vai gostar.

– Eu dou um jeito nele. É Bashazin, certo?

– Você resolve? Então estou sendo transferida?

– Não vamos chamar isso de nada, por enquanto. Neste momento só estou pedindo pra você se concentrar nisso. E relatar diretamente pra mim – dei a ela os números do meu celular e do meu escritório. – Você pode me mostrar as delícias de Kordvenna mais tarde. E... – Olhei de relance para Naustin, e ela me viu fazer isso. – Só fique de olho nas coisas.

– Ele provavelmente tem razão. Provavelmente é um sádico arrogante, chefe.

– Provavelmente. Vamos descobrir por que ela mantinha o cabelo tão limpo.

Havia um ranking de instintos. Nós todos sabíamos que, em sua época de trabalho nas ruas, o commissar Kerevan resolveu diversos casos seguindo pistas que não tinham sentido lógico; e que o inspetor-chefe Marcoberg não conseguia esse

tipo de solução, e que o registro decente que ele tinha era resultado mais de trabalho lento e determinado. Nós jamais chamaríamos pequenos insights inexplicáveis de “palpites”, por medo de atrair a atenção do universo. Mas eles aconteciam, e você sabia que estava na proximidade de um se visse um detetive beijar os dedos e tocar o peito onde um pingente de Warsha, santo padroeiro das inspirações inexplicáveis, estaria, teoricamente, pendurado.

Os oficiais Shushkil e Briamiv ficaram surpresos, depois na defensiva e finalmente de mau humor quando perguntei o que estavam fazendo mexendo no colchão. Coloquei os dois no relatório. Se tivessem pedido desculpas eu teria deixado passar. Era deprimentemente comum ver botas de polícia se arrastando sobre resíduos de sangue, impressões digitais manchadas e estragadas, amostras contaminadas ou perdidas.

Um pequeno grupo de jornalistas estava reunido nas margens do terreno aberto. Petrus Sei-Lá-Das-Quantas, Valdir Mohli, um rapaz de nome Rackhaus e mais uns outros.

– Inspetor!

– Inspetor Borlú!

E até:

– Tyador!

A maior parte da imprensa sempre havia sido educada, e aceitava minhas sugestões do que noticiar. Nos últimos anos, jornais novos, mais licenciosos e agressivos, haviam sido fundados, inspirados e, em alguns casos, controlados por donos britânicos ou norte-americanos. Isso havia sido inevitável e, na verdade, as publicações locais mais antigas iam de respeitáveis a chatas. O que preocupava era menos a tendência ao sensacionalismo, ou o comportamento irritante dos jovens escritores da nova imprensa, do que a tendência a seguir escrupulosamente um roteiro criado antes que eles nascessem. Rackhaus, que escrevia para um semanário chamado *Rejall*, por exemplo. Com certeza, quando ele me importunava em busca de fatos, sabia que eu não os daria; com certeza, quanto tentava subornar oficiais assistentes, e às vezes conseguia, não precisava dizer, como tendia: “O público tem o direito de saber!”

Nem sequer entendi da primeira vez em que ele falou isso. Em Beszel, a palavra “direito” é polissêmica o suficiente para fugir do significado peremptório que ele pretendia. Precisei traduzir mentalmente para o inglês, no qual sou razoavelmente fluente, para conseguir compreender a expressão. Sua fidelidade ao clichê transcendia a necessidade de comunicação. Talvez ele não fosse ficar contente até que eu bufasse e o chamasse de abutre, de sanguessuga.

– Vocês sabem o que eu vou dizer – disse a eles. A fita esticada nos separava. – Haverá uma coletiva de imprensa esta tarde, no Centro do ECH.

– A que horas? – Minha foto estava sendo tirada.

– Você será informado, Petrus.

Rackhaus disse algo que ignorei. Ao me virar, vi além dos limites do conjunto, no final da GunterStrász, entre os prédios de tijolos sujos. Lixo se movia no vento. Podia ser qualquer lugar. Uma senhora de idade caminhava devagar, se afastando de mim num passo vacilante. Ela virou a cabeça e olhou para mim. Fiquei incomodado com o movimento, e olhei nos olhos dela. Fiquei me perguntando se ela queria me dizer alguma coisa.

No meu olhar captei suas roupas, seu jeito de andar, de se segurar e de olhar.

Com um grande susto, percebi que ela não estava na GunterStrász, e que eu não a devia ter visto.

Imediatamente, e agitado, desviei o olhar, e ela fez o mesmo, com a mesma velocidade. Levantei a cabeça, na direção de uma aeronave em sua descida final. Depois de alguns segundos, quando voltei a olhar para cima, sem reparar na velha que se afastava rapidamente, olhei com cuidado, em vez de para ela em sua rua estrangeira, para as fachadas da próxima e local GunterStrász, aquela zona depressiva.

CAPÍTULO 2

Mande um investigador assistente me deixar a norte de Lestov, perto da ponte. Eu não conhecia bem a área. Já tinha estado na ilha, claro, quando era estudante, e algumas vezes desde então, mas as minhas caçadas eram em outros lugares. Placas mostrando como chegar a destinos na região estavam afixadas do lado de fora de confeitarias e pequenas oficinas, e fui acompanhando elas até uma parada de bonde, numa pracinha bonita. Aguardei entre um asilo para idosos indicado com o logotipo de uma ampulheta e uma loja de temperos, o ar ao redor com cheiro de canela.

Quando o bonde chegou, tilintando baixinho, sacolejando nos trilhos, não sentei, embora o carro estivesse meio vazio. Sabia que iríamos apanhar passageiros na direção norte até o centro de Beszel. Fiquei perto da janela, olhando a cidade, aquelas ruas que me eram estranhas.

A mulher, sua forma embolada desajeitadamente debaixo daquele colchão velho, farejada por comedores de carniça. Telefonei para Naustin do meu celular.

– O colchão está sendo testado pra vestígios?

– Deve estar, senhor.

– Cheque. Se os técnicos estiverem fazendo isso, tudo bem, mas Briamiv e seu companheiro são capazes de foder um ponto no fim de uma frase – talvez ela fosse nova nessa vida. Talvez, se a encontrássemos uma semana mais tarde, seu cabelo estivesse louro platinado.

Essas regiões à beira do rio são intrincadas, muitos prédios com um ou vários séculos de idade. O bonde seguia os trilhos por entre caminhos onde Beszel, pelo menos metade de tudo por onde passávamos, parecia se inclinar e se curvar sobre nós. Sacolejamos e reduzimos a velocidade, ficamos atrás dos carros locais e dos de outras partes, e chegamos a um cruzamento onde os edifícios besz eram lojas antigas. Aquele comércio estava indo bem, como tudo na cidade já havia alguns

anos, prédios velhos sendo limpos e reformados enquanto as pessoas esvaziavam os apartamentos de suas heranças por um punhado de beszmarcos.

Alguns editorialistas eram otimistas. Enquanto seus líderes rugiam tão incansavelmente quanto jamais haviam feito na Prefeitura, muitos da nova geração dos partidos trabalhavam juntos para colocar Beszel em primeiro lugar. Cada gota de investimento estrangeiro – e para a surpresa de todos, havia gotas – rendia mais elogios. Até mesmo umas duas empresas de alta tecnologia haviam se mudado para cá recentemente, embora fosse difícil acreditar que isso fosse em resposta à recente autodescrição idiota de Beszel como o “Estuário do Silício”.

Saltei ao lado da estátua do Rei Val. O centro estava cheio: desci com um solavanco, pedindo desculpas aos cidadãos e aos turistas locais, desvendo outros com cuidado, até chegar ao concreto bloqueado do centro do ECH. Dois grupos de turistas estavam sendo pastoreados por guias besz. Parei na subida dos degraus e olhei UropaStrász lá embaixo. Fiz várias tentativas até conseguir sinal.

– Corwi?

– Chefe?

– Você conhece aquela área: existe alguma chance de estarmos olhando para uma brecha?

Segundos de silêncio.

– Não parece provável. Aquela área é, em grande parte, total. E a Aldeia Pocost, o conjunto habitacional inteiro, com certeza é.

– Mas um trecho da GunterStrász...

– É, mas... O cruzamento mais próximo fica a centenas de metros de distância. Eles não poderiam... – Teria sido um risco extraordinário da parte do assassino ou assassinos. – Acho que podemos supor – ela disse.

– Está bem. Me avise o que conseguir. Vou checar em breve.

*

Eu tinha papelada de outros casos que abri, classificando todos em padrões de espera, como aviões em círculos sobre um aeroporto. Uma mulher espancada até a morte pelo namorado, que até agora havia conseguido se evadir de nós, apesar de rastreadores no seu nome e suas digitais no aeroporto. Styelim era um velho que havia surpreendido um viciado invadindo sua casa e foi atingido uma única vez, fatalmente, com a chave de boca que ele próprio estava segurando. Esse caso não fechava. Um jovem de nome Avid Avid, que um racista largou sangrando pela cabeça depois de dar nele um beijo de calçada e escrever “Escória Ébru” na parede logo acima. Para isso eu estava me coordenando com um colega da Divisão Especial, Shenvoi, que desde algum tempo antes do assassinato de Avid estava trabalhando disfarçado na extrema direita de Beszel.

Ramira Yaszek ligou enquanto eu almoçava na minha mesa.

– Acabei de interrogar aqueles garotos, senhor.

– E?

– Você devia ficar feliz por eles não conhecerem melhor seus direitos, porque se conhecessem Naustin estaria enfrentando uma acusação – esfreguei os olhos e engoli uma garfada.

– O que foi que ele fez?

– O amigo de Barichi, Sergev, foi bocudo, então Naustin lhe deu um soco no meio da boca e disse que ele era o principal suspeito – soltei um palavrão. – Não foi tão difícil assim e, pelo menos, ficou mais fácil pra mim *gudcopar* – nós tínhamos roubado *gudcop* e *badcop* do inglês e transformado em verbo. Naustin era daqueles que passavam para interrogação dura muito facilmente. Há alguns suspeitos em que a metodologia funciona, que precisam cair da escada durante o interrogatório, mas um mastigador adolescente mal-humorado não é um deles.

– De qualquer maneira, ninguém se machucou – disse Yaszek. – As histórias deles batem. Eles estavam fora, os quatro, naquele bando de árvores. Provavelmente fazendo alguma safadeza. Ficaram ali pelo menos umas duas horas. Em algum ponto durante esse tempo – e não pergunte nada mais exato, porque você só vai conseguir “ainda escuro” – uma das garotas vê aquela van subir na grama até a pista de skate. Ela não esquenta muito com isso, porque pessoas sobem ali a toda hora do dia e da noite para fazer negócios, jogar coisas fora, sei lá mais o quê. A van dá uma volta, passa pela pista de skate e volta. Depois de um tempo, ela acelera.

– Acelera?

Rabisquei no meu bloco de notas, tentando puxar com uma mão só os e-mails no meu PC. A conexão caiu mais de uma vez. Grandes anexos num sistema inadequado.

– É. Estava com pressa e estragando a suspensão. Foi assim que ela reparou que a van estava indo embora.

– Descrição?

– “Cinza”. Ela não entende nada de vans.

– Mostre umas fotos pra ela, veja se conseguimos identificar o tipo.

– Vou fazer isso, senhor. Qualquer coisa eu aviso. Depois, pelo menos mais dois carros ou vans aparecem por algum motivo qualquer, pra fazer negócios, de acordo com Barichi.

– Isso poderia complicar os rastros dos pneus.

– Depois de uma hora ou mais de agarramento, a garota menciona a van para os outros e eles vão lá checar, caso ela tivesse jogado algo fora. Ela diz que às vezes você consegue aparelhos estéreo antigos, sapatos, livros, todo esse tipo de merda que as pessoas jogam fora.

– E encontram ela – algumas das minhas mensagens haviam sido respondidas. Havia uma de um dos fotógrafos *mectec*, eu a abri e comecei a rolar pelas imagens.

– Encontram ela.

*

O commissar Gadlem me chamou. A teatralidade da sua voz suave, a gentileza forçada não eram sutis, mas ele sempre me deixava fazer as coisas do meu jeito. Fiquei sentado enquanto ele digitava no teclado e xingava. Eu podia ver o que deviam ser senhas de bancos de dados enfiadas em tiras de papel na lateral da sua tela.

– E então? – Ele perguntou. – O conjunto habitacional?

– Sim.

– Onde fica?

– Sul, subúrbio. Mulher, jovem, ferimentos perfurantes. Shukman está com ela.

– Prostituta?

– Pode ser.

– Pode ser – ele disse, colocando a mão no ouvido como uma concha – e no entanto. Posso ouvir isso. Bem, vá em frente, siga seu faro. Diga se sentir vontade de compartilhar os porquês desse “e no entanto”, certo? Quem é seu sub?

– Naustin. E chamei uma policial da ronda para ajudar. Corwi. Investigadora assistente nível um. Conhece a região.

– É a ronda dela? – Fiz que sim com a cabeça. Perto o bastante.

– O que mais está aberto?

– Na minha mesa? – Contei a ele. O commissar assentiu. Mesmo com os outros, ele me garantiu espaço para seguir Fulana Detail.

*

– Então você viu a coisa toda?

Eram quase dez da noite, mais de quarenta horas desde que havíamos encontrado a vítima. Corwi dirigia – ela não fazia esforço para disfarçar o uniforme, apesar de estarmos num carro sem marcas – pelas ruas ao redor da GunterStrász. Eu não havia estado em casa até bem tarde na noite anterior e, depois de uma manhã sozinho naquelas mesmas ruas, lá estava eu novamente.

Havia lugares de cruzamento nas ruas mais largas e uns outros em demais lugares, mas assim tão longe o grosso da área era total. Poucos estilos besz antigos, poucos telhados íngremes ou janelas de muitos painéis: os prédios eram fábricas e armazéns aglomerados. Um punhado de décadas de idade, a maioria com as vidraças quebradas, funcionando com metade da capacidade, isso os que estavam abertos. Fachadas com tábuas. Mercadinhos com grades metálicas na frente. Fachadas decrépitas mais antigas, no estilo besz clássico. Algumas casas colonizadas e transformadas em capelas e casas de drogas: algumas incendiadas e deixadas como uma cópia carbono crua de si mesmas.

A área não estava lotada, mas estava bem longe de vazia. Aqueles do lado de fora pareciam paisagem, como se sempre estivessem ali. Havia menos naquela manhã, mas não de modo muito marcante.

– Você viu Shukman trabalhando no corpo?

– Não – eu estava olhando por onde havíamos passado, me orientando pelo meu mapa. – Cheguei lá depois que ele havia acabado.

– Tem nojo? – Ela perguntou.

– Não.

– Bem... – Ela sorriu e virou o carro. – Você diria isso, mesmo que tivesse.

– É verdade – eu disse, embora não fosse.

Ela apontou o que pareciam marcos territoriais. Não contei a ela que tinha estado em Kordvenna no começo do dia, sondando aqueles lugares. Corwi não tentou disfarçar a roupa de polícia porque, assim, aqueles que nos vissem, que de outro modo poderiam pensar que estávamos ali para prendê-los numa armadilha, saberiam que essa não era nossa intenção; e o fato de não estarmos num hematoma, como chamávamos os carros de polícia pretos e azuis, dizia que também não estávamos ali para assediar ninguém. Contratos intrincados!

A maioria daqueles ao nosso redor estava em Beszel, então nós os vimos. A pobreza deformava as modelagens e cores já sóbrias e escuras que caracterizam as roupas besz – o que já havia sido chamado de a moda sem moda da cidade. Entre as exceções, percebemos algumas quando olhávamos de relance, então desvimos, mas os besz mais jovens também eram mais coloridos, suas roupas mais cheias de figuras, do que seus pais.

A maioria dos homens e mulheres besz (é preciso dizer isso?) não estava fazendo nada a não ser andar de um lado para o outro, do trabalho do turno da noite para lares, para outros lares ou lojas. Ainda, no entanto, o jeito como observávamos o que passávamos fazia daquilo uma geografia ameaçadora, e havia um número suficiente de ações furtivas ocorrendo que por pouco não justificava uma terrível paranoia.

– Hoje cedo encontrei alguns dos locais com quem eu costumava falar – disse Corwi. – Perguntei se eles tinham ouvido alguma coisa. – Ela nos levou por um lugar escuro, onde o equilíbrio do cruzamento se deslocava, e permanecemos em silêncio até que as lâmpadas das ruas ao nosso redor voltaram a ficar altas e com o ângulo *déco* familiar. Sob aquelas luzes – a rua na qual estávamos visíveis em uma perspectiva se afastava de nós numa curva – mulheres se encostavam nas paredes vendendo sexo. Elas observaram nossa aproximação com desconfiança. – Não tive muita sorte – disse Corwi.

Ela não tinha conseguido sequer uma fotografia daquela primeira expedição. Àquela hora, os contatos haviam sido dentro da lei: funcionários de lojas de bebidas; padres de igrejinhas locais, os últimos padres operários, velhos bravos com a foice e o crucifixo tatuados nos bíceps e antebraços, com traduções para o Besz de

Gutiérrez, Rauschenbusch, Canaan Banana nas prateleiras atrás de si. Não deu em nada. Tudo o que Corwi tinha sido capaz de fazer foi perguntar o que eles sabiam sobre os acontecimentos na Aldeia Pocost. Eles haviam ouvido falar do assassinato, mas não sabiam nada.

Agora nós tínhamos uma foto. Shukman havia dado para mim. Eu a brandi na hora em que saímos do carro: literalmente brandi, para que as mulheres vissem que eu trazia algo para elas, que aquele era o propósito da nossa visita, e não fazer prisões.

Corwi conhecia algumas. Elas fumavam e olhavam para nós. Fazia frio, e como todo mundo que as via, eu fiquei olhando para as pernas enroladas nas meias. Nós estávamos prejudicando os negócios delas, é claro – muitos locais passando olhavam para nós e desviavam o olhar novamente. Vi um hematoma passar devagar por nós – devem ter achado que era uma prisão fácil –, mas o motorista e o passageiro viram o uniforme de Corwi e voltaram a acelerar com uma continência. Acenei para os faróis traseiros deles.

– O que vocês querem? – Uma mulher perguntou. As botas dela eram altas e baratas. Mostrei a foto.

Tinham limpado o rosto da Fulana Detail. Ainda havia marcas – as escoriações eram visíveis por baixo da maquiagem. Podiam ter erradicado completamente as feridas da foto, mas o choque que elas ocasionavam era útil em interrogatórios. Tinham tirado a foto antes de raspar a cabeça dela. Ela não parecia em paz. Parecia impaciente.

“Não conheço.” “Não conheço.” Não vi reconhecimento disfarçado às pressas. Elas se juntaram na luz cinzenta do lampião, para consternação dos clientes que pairavam à margem da escuridão, passavam a foto umas para as outras e, fazendo ou não sons de solidariedade, não conheciam a Fulana.

– O que aconteceu? – Dei meu cartão à mulher que perguntou. Ela era escura, semita, turca ou coisa assim. Seu besz não tinha sotaque.

– Estamos tentando descobrir.

– A gente precisa se preocupar?

– Eu...

Depois que fiz uma pausa, Corwi disse:

– Avisaremos se acharmos que precisam, Sayra.

Paramos perto de um grupo de rapazes bebendo vinho forte do lado de fora de uma sinuca. Corwi aguentou algumas obscenidades deles, depois passou a foto pelo grupo.

– Por que estamos aqui? – Minha pergunta foi sussurrada.

– Eles são gângsteres iniciantes, chefe – disse. – Veja como reagem – mas eles não entregaram muito, se sabiam alguma coisa. Devolveram a fotografia e aceitaram meu cartão impassíveis.

Repetimos isso com outros grupos, e depois a cada vez esperamos vários minutos no carro, longe o suficiente para que algum membro preocupado de qualquer um dos grupos pudesse dar uma desculpa e vir nos encontrar, nos contar algum fragmento dissidente que nos levasse por qualquer caminho na direção dos detalhes e da família da nossa morta. Ninguém fez isso. Dei meu cartão pra muita gente e escrevi no meu bloco de notas o nome e a descrição dos poucos que Corwi me disse que importavam.

– Isso é praticamente todo mundo que eu conhecia – ela disse. Alguns daqueles homens e mulheres tinham reconhecido ela, mas isso não pareceu fazer muita diferença no modo como foi recebida. Quando concordamos que tínhamos terminado, passava das duas da manhã. A meia-lua estava pálida: depois de uma última intervenção, tínhamos parado, estávamos numa rua que não tinha nem mesmo os seus frequentadores mais tardios.

– Ela ainda é uma interrogação – Corwi estava surpresa.

– Vou dar um jeito de colocarem os cartazes pela região.

– Sério, chefe? O comissar vai aceitar isso? – Falamos baixinho. Acenei com as pontas dos dedos para a grade de ferro que cercava um terreno cheio apenas de concreto e mato.

– É – eu disse. – Ele vai aceitar. Não é tanta coisa assim.

– Alguns uniformes por algumas horas, e ele não vai... não pra uma...

– Vamos ter de tirar fotos para uma ID. Merda, eu mesmo coloco – daria um jeito para que fossem enviadas a cada uma das divisões da cidade. Quando achássemos um nome, se a história de Fulana fosse a que havíamos intuído, os poucos recursos que tínhamos iam desaparecer. Estávamos conseguindo a duras penas uma margem de manobra que ia erradicar a si mesma.

– Você é o chefe, chefe.

– Não exatamente, mas sou o chefe disto aqui por um tempinho.

– Vamos? – Ela indicou o carro.

– Vou andar até o bonde.

– Sério? Como assim, vai levar horas! – Mas eu dispensei ela. Caminhei ao som apenas dos meus próprios passos e de um cão de rua alucinado, até onde o brilho cinzento dos nossos lampiões se apagou e fui iluminado por uma luz laranja estrangeira.

*

Shukman ficava mais calado no seu laboratório do que no mundo exterior. Eu estava ao telefone com Yaszek pedindo o vídeo do interrogatório dos garotos, no dia anterior, quando Shukman me contactou e me pediu para ir lá. Estava frio, claro, e enfumaçado com produtos químicos. Havia tanto madeira escura e manchada

quanto aço na imensa sala sem janelas. Havia quadros de avisos nas paredes dos quais cresciam árvores de papéis.

A poeira parecia se acumular nos cantos da sala, na beirada das estações de trabalho, mas quando passei um dedo numa ranhura de aspecto grudento, ao lado da tampa antiderramamento, o dedo voltou limpo. As manchas eram antigas. Shukman estava em pé ao lado de uma mesa de dissecação de aço sobre a qual, coberta por um lençol ligeiramente manchado, os contornos do rosto mais serenos, estava a nossa Fulana, encarando enquanto falávamos dela.

Olhei para Hamzinic. Ele era apenas um pouco mais velho, suspeitei, que a morta. Estava parado respeitosa e ao lado, os braços cruzados. Coincidência ou não, ele estava ao lado de um quadro onde estava pregado, entre cartões-postais e memorandos, um pequeno *shahada* bastante decorado. Hamd Hamzinic era o que os assassinos de Avid Avid também denominariam *ébru*. Hoje em dia, o termo é usado principalmente pelos conservadores, racistas, ou numa provocação reversa pelos próprios alvos do epíteto: um dos mais famosos grupos de hip-hop *besz* se chamava Ébru W. A.

Tecnicamente, claro, a palavra era ridiculamente inexata para pelo menos metade daqueles a quem era dirigida. Mas por pelo menos duzentos anos, desde que refugiados dos Bálcãs haviam começado a chegar em busca de santuário, expandindo rapidamente a população muçulmana da cidade, *ébru*, a antiga palavra *besz* para “judeu”, foi recrutada para incluir os novos imigrantes e virou um termo coletivo para ambas as populações. Foi nos guetos anteriormente judaicos de Beszel que os muçulmanos recém-chegados se instalaram.

Mesmo antes da chegada dos refugiados, indigentes das duas comunidades minoritárias de Beszel haviam se aliado tradicionalmente, com bom humor ou medo, dependendo da política da época. Poucos cidadãos percebem que nossa tradição de fazer piada sobre a estupidez do filho do meio deriva de um diálogo humorístico de séculos de idade entre o rabino-chefe e o imã-chefe de Beszel sobre a intemperança da Igreja Ortodoxa local. Eles concordaram que ela não tinha nem a sabedoria da fé mais antiga de Abraão nem o vigor da mais nova.

Uma forma comum de comércio, durante grande parte da história de Beszel, tinha sido o *DöplirCaffé*: uma cafeteria muçulmana e uma judaica, alugadas lado a lado, cada qual com seu próprio balcão e cozinha, halal e kosher, compartilhando um único nome, placa e conjunto de mesas, o muro divisório removido. Grupos mistos vinham, cumprimentavam os dois proprietários, sentavam-se juntos, separando-se em duas filas comunitárias apenas pelo tempo suficiente para pedir a comida permitida do lado apropriado – ou com ostentação de cada uma e ambas, no caso dos livres-pensadores. Se o *DöplirCaffé* era um estabelecimento ou dois, dependia de quem fazia a pergunta: para o coletor do imposto sobre a propriedade, era sempre um.

O gueto de Beszél não eram mais fronteiras políticas formais, só arquitetura, casas velhas caindo aos pedaços, com o novo chique gentrificado, aglomeradas entre alterespaços estrangeiros muito diferentes. Mesmo assim, aquela era apenas a cidade, não era uma alegoria, e Hamd Hamzinic teve de enfrentar coisas desagradáveis em seus estudos. Comecei a fazer uma ideia um pouco melhor de Shukman: um homem com a idade e o temperamento dele, eu estava talvez surpreso que Hamzinic se sentisse à vontade para exibir sua declaração de fé.

Shukman não descobriu a Fulana. Ela ficou deitada entre nós. Eles haviam feito alguma coisa, de modo que ela estava como que em repouso.

– Te mandei o relatório por e-mail – disse Shukman. – Mulher de vinte e quatro, vinte e cinco anos. Saúde geral decente, tirando o fato de estar morta. Hora da morte, mais ou menos meia-noite da noite anterior a esta. Aproximadamente, claro. Causa da morte, ferimentos perfurantes no peito. Total de quatro, um dos quais perfurou o coração. Prego, estilete ou coisa assim, não lâmina. Ela também tem um ferimento feio na cabeça, e muitas escoriações estranhas – levantei a cabeça. – Algumas sob o cabelo. Ela levou uma pancada na lateral da cabeça – ele girou o braço numa mímica em câmara lenta. – Atingiu o lado esquerdo do crânio. Eu diria que isso a nocautou, ou pelo menos a derrubou no chão e deixou grogue, e então os ferimentos perfurantes foram o golpe de misericórdia.

– Com o que ela foi atingida? Na cabeça?

– Uma coisa pesada e rombuda. Pode ter sido um punho, se fosse grande, suponho, mas duvido seriamente – ele puxou o canto do lençol, descobrindo como um expert a lateral da cabeça dela. A pele tinha a cor feia de uma escoriação. – E *voilà* – ele fez um gesto para que eu chegasse mais perto do couro cabeludo dela, igual ao de um skinhead.

Cheguei perto do cheiro de conservante. Entre os pelinhos morenos, havia marcas minúsculas de perfurações já com casquinha.

– Isto aqui é o quê?

– Não sei – ele disse. – Não são profundas. Alguma coisa em que ela caiu, eu acho – as escoriações eram do tamanho de pontas de lápis enfiadas na pele. Cobriam uma área que mal chegava ao tamanho da minha mão, rompendo de forma irregular a superfície. Em alguns lugares, faziam fileiras de alguns milímetros de comprimento, mais profundas no centro do que nas extremidades, onde desapareciam.

– Sinais de intercurso?

– Não recente. Se ela é profissional, talvez tenha sido a recusa de fazer algo que a meteu nessa confusão – concordei com a cabeça. Ele esperou. – Lavamos o corpo agora há pouco – acabou dizendo. – Mas ela estava coberta de terra, poeira, manchas de grama, tudo que se poderia esperar do lugar onde ela estava caída. E ferrugem.

– Ferrugem?

– Por toda parte. Montes de esfoladuras, cortes, raspões, a maioria *post-mortem*, e muita ferrugem.

Fiz que sim mais uma vez. Franzi a testa.

– Feridas defensivas?

– Não. Vieram de modo rápido e inesperado, ou ela estava de costas. Há um bocado de raspões e não sei mais o que no corpo – Shukman apontou para marcas de cortes na pele dela. – Consistentes com um corpo arrastado. O desgaste provocado pelo assassinato.

Hamzinic abriu a boca, mas voltou a fechá-la. Olhei-o de relance. Ele balançou tristemente a cabeça: *absolutamente nada*.

Sobre *A cidade & a cidade*

Ronaldo Bressane

Olhe à sua volta: existe outra cidade dentro da sua cidade, mas você não está vendo. Fronteiras são mais leves do que o ar; há cidadãos invisíveis a você — você mesmo é invisível a determinadas pessoas. O que é uma cidade, o que é uma nação, até que ponto um lugar compõe a sua identidade? Essas são algumas questões com que se depara o detetive Borlú ao investigar o estranho assassinato de uma jovem na cidade de Beszél — que também pode ser a cidade de Ul Qoma. Essas são também algumas premissas da literatura provocadora de China Miéville. O maior nome inglês da ficção-científica desde J. G. Ballard tem sua obra afinal apresentada no Brasil na excelente tradução do especialista Fábio Fernandes.

Miéville, destacado ativista de esquerda com formação na liberal London School of Economics, é o nome mais quente do *new weird* — subgênero da literatura de fantasia que atualiza temas da ficção científica, do horror e da literatura especulativa em linguagem realista e registro urbano. Neste romance, Miéville — tal como o mestre Philip K. Dick havia feito em *Androides sonham com ovelhas elétricas?* — combina a ficção-científica com outro gênero: o policial. À semelhança do autor de *O homem do castelo alto*, Miéville nos leva sorrateiramente a desconfiar da substância da realidade ao redor, jogando, em uma perspectiva paranoica, com a política e com a metafísica.

A cidade & a cidade habita um mundo estranhamente familiar: uma cidade pós-soviética com um nebuloso passado autoritário. Ao brincar com o paradoxo de Schrödinger (aquele em que o gato está e não está morto ao mesmo tempo — hum, muito complexo pra explicar nesta orelha) e distorcer a física afirmando que dois objetos podem ocupar o mesmo espaço, Miéville propõe que a cidade de Beszél exista no mesmo espaço que a cidade de Ul Qoma. Administrados por uma monolítica autoridade chamada Brecha, os cidadãos aprenderam a “não ver” os “vizinhos” da outra cidade — sob pena de serem multados ou presos: as cidades têm até aeroportos, códigos telefônicos, links de internet, línguas e alfabetos diferentes.

O inspetor Borlú, protagonista e narrador, é um frustrado farejador da verdade — a qual, em termos kafkianos, parece sempre escapar dele por meios burocráticos e regras inescapavelmente sinistras. Borlú crê que o assassinato da jovem tenha a ver com uma passagem ilegal entre as duas cidades, e que o crime seja acobertado pela Brecha. Aos poucos o detetive intui: a jovem estaria envolvida com enigmáticas escavações arqueológicas que levariam à descoberta de uma terceira cidade. Outras mortes tenebrosas surgirão em seu caminho — com a Brecha sempre por trás, colocando a vida de Borlú em risco. Ou não: lembrando o desfecho do conto “O jardim de caminhos que se bifurcam”, de Jorge Luis Borges — autor a quem, sem favor, Miéville tem sido comparado (assim como ocorreu com K. Dick) —, os fatos podem acontecer e não acontecer simultaneamente no extraordinário final de *A cidade & a cidade*. Agora dê outra olhada à sua volta: você está onde de fato acha que está?

Sobre *A cidade & a cidade*

Quando o corpo de uma mulher assassinada é encontrado na decadente cidade de Beszel, em algum lugar nos confins da Europa, parece apenas mais um caso trivial para o inspetor Tyador Borlú, do Esquadrão de Crimes Hediondos. À medida que avança a investigação, as evidências começam a apontar para conspirações muito mais estranhas e mortais do que ele poderia supor, levando-o à única metrópole na Terra tão estranha quanto a sua: Ul Qoma. As duas cidades ocupam o mesmo espaço geográfico mas constituem nações diferentes, monitoradas por um poder secreto conhecido como Brecha. Em ambas as cidades, ignorar a separação, mesmo sem querer, é considerado um delito imperdoável, mais grave do que cometer um assassinato.

“Este romance poderia ser classificado como ficção científica, mas vai muito além. É um livro sobre a alienação, o isolamento e a incapacidade de ver o mundo que habitamos.”

Walter Mosley

“Uma ideia estranha e engenhosa, tão inteligente e convincentemente elaborada que resulta num romance excepcional: audacioso, original e assombroso.”

Daily Mail

“Um assassinato misterioso que se passa em uma paisagem urbana à *Blade Runner*. Imagine *Um conto de duas cidades* escrito por Stanley Kubrick e terá uma ideia do que vai aqui.”

Shortlist

“Sutil, quase casualmente, Miéville constrói uma metáfora para a vida moderna e prova uma vez mais que é tão inteligente quanto original.”

Michael Moorcock, Guardian

“Kafka e Orwell costumam ser facilmente evocados para qualificar qualquer coisa

que fuja um pouco do ordinário, mas neste caso são comparações certas.”

The Times

“A premissa é espiritualmente elaborada, estendendo-se a cada detalhe da vida.

A inventividade e precisão de Miéville são extraordinárias.”

Independent

Sobre o autor

CHINA MIÉVILLE, nascido na Inglaterra em 1972, é formado em antropologia social pela Universidade de Cambridge, com mestrado e doutorado em filosofia do direito internacional pela London School of Economics. Acadêmico marxista e militante de esquerda, é professor de escrita criativa na Warwick University, foi um dos fundadores do Left Unity e é membro da International Socialist Organization. Autor premiado, foi duplamente contemplado pelo British Fantasy Award, recebeu três vezes o Arthur C. Clarke Award e, justamente por *A cidade & a cidade*, ganhou o Hugo Award, o prêmio mais importante dedicado aos livros de ficção científica.

NOTA DO TRADUTOR

Mais difícil que traduzir um bom texto é traduzir um bom texto ruim – mas de propósito. *A cidade & a cidade* é um exemplo notável desse segundo caso.

Narrado em primeira pessoa pelo detetive Tyador Borlú, habitante de um fictício país do Leste Europeu, o livro é uma investigação em mais de um sentido: o primeiro, mais óbvio, sobre um crime (calma, sem *spoilers*) e o segundo, mais sutil, mas não menos interessante, sobre os limites e as possibilidades de um idioma.

China Miéville escreve como se Borlú falasse em seu idioma, o *besz*, traduzido para o inglês por ele próprio de maneira inculta e um pouco tosca. Esse recurso faz com que o texto seja não uma colcha de retalhos (porque este seria um clichê, e estamos tratando de um autor que tem como principal característica a demolição de clichês), mas uma estrada com uma estranha mistura de placas de trânsito, umas inteligíveis, outras dúbias, outras ainda tão estranhas quanto se tivessem saído de um universo paralelo.

Um exemplo: no capítulo 3, Borlú se refere a um “homem magro no começo da idade média” (p. 32). O correto seria dizer que ele era um “*middle-aged man*”, mas o detetive diz: “*a thin man in early middle age*”. Miéville provoca, assim, estranhamento adicional para o leitor. Outro exemplo é o uso de substantivos como verbos, como “*staticking*”; em vez de dizer que a linha telefônica está com estática, ele diz que a linha está “estaticando”. Não é que o protagonista seja ignorante, pelo contrário: é o autor esticando os limites de seu mundo.

Ao tradutor, coube respeitar a intenção do autor e dar o melhor de si para que uma impressão semelhante pudesse ser transmitida aos leitores brasileiros.

Fábio Fernandes
São Paulo, novembro de 2014

Siga a Boitempo

www BOITEMPOEDITORIAL.COM.BR

 BLOGDABOITEMPO.COM.BR

 /BOITEMPO

 @EDITORABOITEMPO

 /IMPRESABOITEMPO

 @BOITEMPO